

EXPERIÊNCIAS DE INTERVENÇÃO INSTITUCIONAL DE PSICÓLOGAS ESCOLARES EM INSTITUTO FEDERAL E UNIVERSIDADE

EXPERIENCES OF INSTITUTIONAL INTERVENTION OF FEMALE SCHOOL PSYCHOLOGISTS IN FEDERAL INSTITUTE AND UNIVERSITY

Luísa Cássia Paixão - Instituto Federal Goiano - Iporá - Goiás - Brasil
luisa.cassia.p@gmail.com

Lígia Carvalho Libâneo - Universidade de Brasília - Brasília - Distrito Federal - Brasil
ligialibaneo@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar duas experiências de atuação de psicólogas escolares em contextos educativos públicos a fim de aproximar professores e demais educadores às práticas que viemos desenvolvendo, em um instituto federal e em uma universidade pública federal, e compartilhar com colegas psicólogos nossos desafios e conquistas cotidianas. Por fim, apresentamos reflexões sobre aproximações e especificidades de nossas atuações, em cada contexto. Partimos da psicologia escolar crítica para anunciar algumas ações que temos construído em nossas experiências profissionais com objetivo de superar concepções e práticas adaptacionistas, patologizantes e normatizantes sobre o processo educativo. Entendemos que em nosso trabalho buscamos construir um processo educativo relacional, historicamente contextualizado, reflexivo e colaborativo com os demais membros da comunidade acadêmica, valorizando seus saberes, fazeres e vivências.

Palavras-chave: psicologia escolar, educação superior, educação profissional e tecnológica, atuação institucional, relato de experiência.

Abstract

This article aim to introduce two work experiences of female school psychologists in public educational contexts on the intention to acquaint teachers and other educators with the practices we have been doing, in a federal institute and a federal public university, and share with colleagues psychologists our daily challenges and achievements. At the end, we present reflections about similarities and specificities of our actions, in each context. We take from the critical school psychology to relate some actions that we have constructed in our professional experience with the objective of overcome adaptational, pathological and normalising conceptions and practices over the educational process. We understand that in our work we aim to build a relational, historically contextualized, reflexive and collaborative educational process with other

members of academic community, valuing their knowledge, action and living.

Keywords: school psychology, higher education, professional and technological education, institutional intervention, experience report.

A relação entre psicologia e educação é marcada por muitos encontros e desencontros (LIMA, 1990). Na relação da psicologia com a educação merecem destaques a prática profissional em psicologia escolar e sua consolidação enquanto área de pesquisa e intervenção (MARINHO-ARAUJO, 2010). Além disso, apontamos o ensino de psicologia (ensino médio, licenciaturas, etc), e a participação de psicólogos escolares e educacionais em espaços organizativos e políticos, bem como na construção de políticas públicas na área da educação (associações de classe, fóruns de discussão, conselhos de representantes e órgãos de controle social, etc) (SOUZA, 2009) como espaços importantes no encontro entre psicologia e educação.

De dentro da própria psicologia veio a crítica às tentativas isoladas da área de resolução dos problemas da educação, as quais acabaram por forjar práticas individualizantes/adaptacionistas, que serviram (e ainda servem) a interesses das classes dominantes. A partir das décadas de 1970 e 1980, emergiram vozes que questionavam “a serviço de quem” estava colocado o saber psicológico (MARTÍN-BARÓ, 1996), reflexões estas que possibilitaram a construção e a consolidação da psicologia escolar crítica.

Barbosa (2012) denomina “O período da crítica” (1981-1990) como o momento de grande relevância para a área de psicologia escolar, o qual se caracterizou pela contextualização social e política na compreensão das questões e queixas escolares com vistas à promoção do desenvolvimento de práticas educativas de melhor qualidade. Algumas contribuições desse período, tanto no âmbito da intervenção quanto da pesquisa em psicologia escolar, são: a) ruptura com a culpabilização das crianças, adolescentes e suas famílias pelas dificuldades escolares; b) construção de novos instrumentos de avaliação psicológica e de compreensão da queixa escolar; c) articulações importantes de ações no campo da formação de professores e de profissionais de saúde (SOUZA, 2009).

A partir do período da psicologia escolar crítica, o fracasso escolar, tradicionalmente visto apenas pelo prisma da culpabilização das crianças e de seus pais ou professores, por problemas psíquicos ou técnicos, respectivamente, passa então a ser questionado pelos vieses institucional e político. Entre os aspectos institucionais e políticos, destaca-se que a educação escolar pode pautar-se em uma lógica excludente, pela contraposição entre cultura escolar e cultura popular, e, ainda, que existe no interior da escola relações de poder (ANGELUCCI; KALMUS; PAPARELLI; PATTO, 2004) que legitimam determinados saberes e fazeres. Com essa leitura mais ampliada do fracasso escolar, a

psicologia passa a colocar no cerne da compreensão desse fenômeno, portanto, a discussão do papel da escola como organização social que pode contribuir na construção da emancipação ou, no contraponto, da alienação dos sujeitos e sociedade.

Cada realidade escolar é atravessada pelas políticas educacionais e pela história local de sua comunidade, e torna-se uma instituição de referência educacional no que tange a aquisição de conhecimento pelos sujeitos que a constituem e nela se constituem (SOUZA, 2009). Nesse contexto, estudantes e funcionários, com suas singularidades próprias, compõem uma rede de relações internas e externas à escola. A compreensão dessa rede diversa de co-constituição entre os fenômenos sociais auxilia o psicólogo escolar na construção de sua atuação coerente com cada realidade e comunidade escolar, apoiando o desenvolvimento dos membros da escola.

Embora a atuação de psicólogos escolares, no Brasil, junto à educação de jovens e adultos seja mais recente se comparada à intervenção na educação infantil, semelhante ao que ocorre entre os psicólogos escolares nesse nível de ensino, os profissionais da área tem assumido práticas e discussões mais preventivas e institucionais em contraposição às práticas tradicionais clínico-terapêuticas (BISINOTO; MARINHO-ARAÚJO, 2015). A educação de jovens e adultos, seja em instituições de ensino profissionalizante e técnico ou de ensino superior se fundamenta na articulação entre vida, educação e trabalho, o que exige um processo educativo integrado às exigências e demandas da realidade social. Nesse contexto, a atuação do psicólogo escolar volta-se para o apoio aos educadores no desenvolvimento dos jovens e adultos no que tange à construção de conhecimentos e habilidades para uma inserção crítica e criativa na realidade social, transcendendo concepções reducionistas do trabalho na lógica do capital.

Neste artigo, pretendemos discorrer sobre duas experiências de atuação de psicólogas escolares em contextos educativos públicos, nos quais temos composto equipes multiprofissionais que apoiam o desenvolvimento do processo educativo. Objetivamos com isso aproximar professores e educadores às práticas que viemos desenvolvendo, em um instituto federal e em uma universidade pública federal, e compartilhar com colegas psicólogos nossos desafios e conquistas cotidianas. Por fim, apresentamos reflexões sobre aproximações e especificidades de nossas práticas, em cada contexto.

Experiência de atuação em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

Com uma população estimada de 31 mil habitantes (IBGE, 2017), o município de Iporá fica a 230km da capital do estado de Goiás. A cidade tem

uma economia voltada para o comércio e a agropecuária de pequeno porte e é pólo regional para as cidades circunvizinhas, que utilizam, por exemplo, de seus serviços de saúde e educação. No ano de 2010 foi inaugurado na cidade o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano com o intuito de atender às demandas formativas da região, interiorizando o ensino - como objetivado pela política de expansão da educação profissional e tecnológica no país (SETEC, 2010). O Instituto foi instalado nessa localidade com o objetivo de desenvolvê-la economicamente e trazer avanços científicos na área de agropecuária, ciência e tecnologias (IF GOIANO, 2009).

O IF Goiano – Campus Iporá tem atualmente mais de 900 alunos presenciais matriculados em cursos técnicos integrados, concomitantes e subsequentes ao Ensino Médio, cursos tecnológicos, licenciatura, especializações e educação de jovens e adultos na modalidade PROEJA. O Instituto tem cerca de 130 servidores e funcionários dos quais cerca de 70 são professores e 60 são técnicos-administrativos e trabalhadores terceirizados. Ligada às atividades de Ensino está uma equipe multiprofissional composta por pedagogos, assistente social, psicóloga, enfermeira, técnica em enfermagem, odontólogo, intérprete de LIBRAS e assistente de alunos.

Enquanto psicóloga escolar atendo alunos que me procuram por demanda espontânea ou que são encaminhados por outros colegas de trabalho. Nesse caso, o atendimento tem sempre um foco nas situações emocionais ou relacionais que venham a interferir no aprendizado e desempenho escolar. A proposta desses atendimentos é que sejam pontuais, de forma que o discente defina linhas de ação a partir dali e, quando for o caso, que seja encaminhado para serviços externos (atividade física, atendimento psicológico, atendimento de saúde, etc) ou para outros profissionais da própria escola. Como a cidade possui pouquíssimos profissionais de psicologia na rede pública e poucos profissionais particulares, já aconteceu de ser necessário acompanhar alguns alunos em situações pontuais até que a crise passasse.

Realizo com as turmas de terceiro ano do Ensino Médio grupo de orientação profissional não obrigatório e em horário posterior ao das aulas. Essa orientação é feita utilizando técnicas grupais de psicodrama, o que tem se mostrado bastante produtivo porque os alunos se descontraem devido aos aspectos lúdicos utilizados, e porque eles podem compartilhar suas angústias e perceber que seus colegas vivem realidades semelhantes de indecisão e ansiedade.

Por ser lotada no Câmpus, física e organizacionalmente, no Centro Integrado de Saúde (CIS) sou membro da Comissão Interna de Saúde do Servidor Público (CISSP) que tem como atribuição a promoção e prevenção em saúde para os servidores (MPOG, 2010). Exemplos de ações desenvolvidas são: vaci-

nação dos servidores com apoio da Secretaria Municipal de Saúde, organização de palestras voltadas à saúde do trabalhador com atividades pontuais de exercícios laborais, auxílio e instrução aos servidores sobre acidentes de trabalho e atestados médicos, etc.

O CIS compõe a Assistência Estudantil, uma política que engloba ações que tem o objetivo de garantir o acesso e a permanência dos estudantes no IF Goiano (IF GOIANO, 2017). Por essa razão participo da recepção dos novos alunos, integro a Comissão Permanente Disciplinar, que garante que os discentes estejam cientes de seus direitos e deveres e aplica sanções quando necessário, e sou membro da Comissão do Auxílio Permanência, auxiliando na distribuição dos recursos destinados à bolsas para alunos em condição de desfavorecimento socioeconômico e acompanhando-os após concessão do benefício.

Na recepção de novos alunos participo, em especial, realizando uma atividade com cada turma de Ensino Médio Integrado e com algumas do Ensino Superior, em que dialogo com eles sobre a importância para a aprendizagem de uma organização de rotina de estudos, conciliando a vida escolar com exercícios, sono, alimentação saudável. Esse momento em sala de aula tem se mostrado muito produtivo pois os alunos compreendem o papel do psicólogo dentro da escola e me percebem enquanto profissional disponível para auxiliá-los em suas questões escolares. Essa aproximação com os discentes têm feito com que eles, em geral, tenham muita tranquilidade em procurar o serviço de psicologia e tenham menos preconceito com a profissão.

Ainda por ser parte da Assistência Estudantil, estou presente em momentos como a semana pedagógica e os conselhos de classe. Nessas ocasiões, professores e outros profissionais do ambiente escolar compartilham seus conhecimentos e percepções sobre as turmas e os alunos, pensam soluções para o ambiente escolar e publicizam suas ações. Participo, também, nas reuniões de pais que me permitem conhecer e conversar rapidamente com os familiares, e nas quais eles conhecem e compreendem como posso auxiliá-los e a seus filhos.

Integro também Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), órgão de assessoramento responsável pelas atividades de inclusão no Câmpus (IF GOIANO, 2013). Junto à equipe multiprofissional, acompanhamos os alunos com necessidades específicas e mantemos constante diálogo com suas famílias, conscientizamos a comunidade escolar, identificamos possíveis alunos a serem acompanhados pelo Núcleo e realizamos cursos de capacitação continuada de professores. Como psicóloga muitas vezes sou eu quem identifica os alunos que precisam do apoio do NAPNE porque muitos deles são atendidos primeiro no serviço de psicologia quando apresentam dificuldades. Diante de um aluno que precisa do acompanhamento

do Núcleo, grande parte das vezes também sou eu que realizo uma primeira entrevista/avaliação com o aluno e seus familiares para compreender sua história de escolarização e condição socioeconômica, para ambientá-lo à escola e para esclarecê-lo sobre como o NAPNE poderá auxiliá-lo.

Diante da grande quantidade de atribuições, muitas vezes desconectadas, que nós da equipe de saúde recebíamos, desenvolvemos um projeto de atuação que não apenas reunisse nossas atividades mas que também refletisse o anseio por uma escola mais articulada. No início do ano de 2016 foi implantado o “Projeto Cuidar: educação para a saúde” com o intuito de incentivar e ajudar os alunos e a comunidade escolar a serem protagonistas no cuidado consigo e responsáveis em suas relações com os outros e com o meio ambiente. Dividido em três eixos: cuidado consigo, com o outro e com o mundo, o Projeto aborda o tema da saúde e do cuidado a partir de uma concepção holística de homem. Como objetivos específicos, o Projeto Cuidar pretende: (i) sensibilizar a comunidade escolar da importância e necessidade do cuidar de si, do outro e do mundo; (ii) propor ações que visem a promoção da saúde e prevenção de agravos; (iii) incentivar a comunidade escolar a desenvolver hábitos de vida mais saudáveis; (iv) proporcionar situações de reflexão sobre as interações humanas e o respeito à diversidade; (v) incentivar comportamentos responsáveis pautados na sustentabilidade e na preservação do meio ambiente; (vi) procurar parcerias com outros setores incentivando a multidisciplinaridade e a atuação multiprofissional voltada para o cuidado.

Ao longo do ano de 2016, nossa equipe promoveu ações como: conscientização dos alunos sobre a necessidade de combate ao mosquito *Aedes Aegypti* através de atividades lúdico-pedagógicas e posterior conscientização da comunidade iporaense com passeata dos alunos; concurso de paródias com o tema “Inclusão e respeito à diversidade”; disponibilização à servidores e alunos de lista atualizada com valores e locais onde é possível fazer atividades físicas orientadas no município; participação em aula de biologia para esclarecer dúvidas sobre sexualidade; participação em aula de inglês para conversar sobre distúrbios alimentares; exibição de filmes com temas relacionados ao Projeto em horário de contraturno (Cine Cuidar); avaliação e acompanhamento da condição geral de saúde dos alunos, instruindo-os e às famílias em casos de alteração relevante; campanha para promover elogios entre alunos-professores e alunos-alunos.

O trabalho multiprofissional, integrado e colaborativo, encontra diversos entraves pessoais e institucionais e a compreensão da necessidade de melhor comunicação e integração ainda é recente entre os profissionais da escola. Apesar disso, o Projeto tem conseguido parcerias exitosas que têm expan-

dido a atuação e gerado reconhecimento dentro da comunidade escolar.

Experiência de atuação em universidade federal

A Universidade de Brasília (UnB) começou suas atividades acadêmicas e administrativas em 1962 (RIBEIRO, 1978) e sua criação possui íntima relação com a transferência da capital do país. De acordo com o Estatuto e Regimento Geral da Universidade, são finalidades essenciais o ensino, a pesquisa e a extensão, integrados na formação de cidadãos qualificados para o exercício profissional e empenhados na busca de soluções democráticas para os problemas nacionais. Atualmente, a comunidade acadêmica é composta por 3.239 servidores técnico-administrativos, 2.565 docentes, 1.018 estagiários, 38.087 de estudantes de graduação, e 9.271 estudantes de pós-graduação (UNB, 2017) espalhados por quatro campi: Darcy Ribeiro, Planaltina, Ceilândia e Gama.

A Universidade de Brasília tem psicólogos atuando nas áreas escolar, clínica, organizacional e social. Este artigo é composto por relato de experiência de uma psicóloga escolar vinculada a um serviço que lida com questões da graduação da Universidade de Brasília. Ligada às atividades de Ensino, dessa universidade, está uma equipe multiprofissional composta por pedagogas e psicólogas escolares.

Em minha atuação, enquanto psicóloga escolar, realizo diálogos frequentes com membros da comunidade acadêmica, discentes, docentes, servidores técnico-administrativos e funcionários terceirizados. Busco construir um exercício cotidiano de olhar os fenômenos acadêmicos em sua complexidade, bem como apontar maneiras de se promover relações que permitam a concretização de um processo de aprendizagem mais condizente com uma concepção democrática e plural de educação, de resistência aos modos de relações das sociedades de consumo.

No campo da psicologia escolar, a coerência com esta perspectiva exige que as soluções encaminhadas também sejam construídas a partir de uma visão de totalidade. Nessa direção, a atuação privilegiaria o apoio aos atores educacionais para construir juntos uma perspectiva histórica, relacional e dialética sobre o processo educativo, anunciando novas possibilidades de relação consigo, com o outro e com o mundo, mediatizadas pela educação (LIBÂNEO; PULINO, 2017). Nesses momentos, tornam-se objetos de análise as formas de organização do ensino que criam contexto de desenvolvimento para os estudantes, como os currículos, as metodologias, as avaliações, entre outros; as relações professor-aluno, professor-professor, professor-técnico, estudante-técnico; as políticas de formação docente e de valorização de carreira, etc.

Assumir uma visão de totalidade passa por reconhecer a limitação de nosso olhar e de nossa intervenção e atuar de forma colaborativa com os demais membros da comunidade acadêmica, valorizando seus saberes e histórias. Assim, podemos compreender a comunidade universitária como lugar de criação, resistência e potência (a) valorizando sua originalidade e a diversidade das pessoas que fazem a universidade, (b) refletindo junto a membros da comunidade acadêmica sobre o modo de vida na universidade, (c) reconhecendo as potências humanas, (d) lutando pela constituição de formas de sociabilidade contra-hegemônicas, (e) permitindo que os olhares e os saberes dos demais membros da comunidade acadêmica sejam constitutivos da práxis da psicologia escolar, entre outros (LIBÂNEO, 2017).

Nossa comunidade acadêmica têm experiências muito ricas envolvendo atividades curriculares e não-curriculares. No entanto, a dimensão da Universidade de Brasília, muitas vezes, dificulta a socialização e divulgação dessas experiências. Já há algum tempo temos buscado conectar diferentes atores (docentes, coordenadores de curso, discentes, grupos PET/Programa de Educação Tutorial, centros acadêmicos, etc.) com boas experiências na tentativa de que inspirem novas experiências e fortaleçam os laços entre si, resgatando as concepções de interdisciplinaridade e de comunidade universitária solidária presentes no projeto original da UnB. Nessa perspectiva, também os estudantes transmutam-se da condição de assistidos para a de colaboradores da atuação institucional da psicologia escolar.

Apresento uma sistematização de algumas de minhas ações junto a colegas do serviço que integro, desenvolvidas ao longo do período de 2017, a saber escutas e diálogos com membros da comunidade acadêmica, participação em Comissões de construção e avaliação de políticas e ações institucionais, e elaboração de projetos com membros da comunidade acadêmica.

Destaco a disponibilidade do Serviço do qual participo para construção de espaços de escutas individuais e coletivas com membros da comunidade acadêmica. Nestes espaços, discentes, docentes, coordenadores de curso, servidores técnico-administrativos nos procuram em busca de soluções para situações que obstaculizam o desenvolvimento do processo educativo.

Na tentativa de ampliar nossas escutas e diálogos com os estudantes, para além de espaços individuais, estamos participando de eventos organizados pelos discentes como rodas de conversa, e intensificado os diálogos com representantes estudantis, chamando centros acadêmicos para construção de ações colaborativas. Considerando os diversos momentos de escuta dos atores educacionais, temos buscado espaços junto à gestão superior de apresentação daquilo que identificamos como barreiras ao desenvolvimento do processo

educativo, ao mesmo tempo em que propomos algumas ações para melhorias desses processos.

Considerando a dimensão da UnB, o serviço no qual atuo participa frequentemente de duas comissões, uma responsável pelos processos de reintegração de estudantes desligados da universidade, a qual é composta por gestores, docentes, estudante e servidores técnico-administrativos, e outra que prepara o evento de boas-vindas aos estudantes recém-ingressos.

Nossa participação nessas duas comissões está pautada no olhar sobre a relação indissociada entre políticas educacionais, projetos institucionais, práticas educativas e desenvolvimento humano. Utilizamos de nossas experiências de escutas e diálogos com membros da comunidade acadêmica para pensar melhorias no processo educativo e denunciar/criticar decisões que ferem a realização de uma educação democrática e plural.

Percebemos nossas intervenções voltadas também para a sensibilização dos membros das comissões sobre as inúmeras possibilidades de vivência acadêmica na instituição, as condições de desenvolvimento forjadas pelos processos educativos que ali acontecem, e questões particulares dos diferentes segmentos dessa universidade (docentes, discentes, servidores técnico-administrativos, funcionários terceirizados). Nossa fala é do lugar de técnica-administrativa, o que compõe nosso olhar e contingencia as formas de relação com os membros da comunidade universitária.

A ação de elaboração de projetos com membros da comunidade acadêmica constitui-se na criação de alguma materialidade, organizadora das reflexões sobre situações que obstaculizam o desenvolvimento do processo educativo. Além de atuar em oficinas com estudantes, temos tido experiências de participação em espaços coletivos tendo em vista a construção de atividades, construção essa que envolve, principalmente, docentes e estudantes. Destacamos que em cada curso as problemáticas são específicas e que as ações construídas necessitam ser condizentes com os saberes e histórias dos membros daquela comunidade acadêmica, considerando as possibilidades e condições objetivas de cada curso e a nossa relação com o curso, naquele momento histórico.

Considerações Finais

Chegamos ao final deste artigo, assumindo nossa opção por relatar nossas experiências profissionais como psicólogas escolares em instituições públicas voltadas para educação de jovens e adultos, mesmo cientes de que nossas atuações divergem em vários aspectos dadas as diferenças entre as instituições que compomos e nosso próprio perfil de formação. Destacamos como

diferença principal a dimensão física em termos de quantitativo de discentes, docentes e técnico-administrativos. Observamos que no Instituto a atuação da psicóloga escolar é mais próxima dos membros da comunidade acadêmica, o que permite a ela conhecer os docentes, os estudantes e seus familiares, os gestores, os servidores técnico-administrativos e terceirizados, quase em números absolutos. Por outro lado, na Universidade, cuja comunidade acadêmica é muito populosa para o quantitativo reduzido de profissionais, a relação interpessoal da psicóloga escolar é mais tímida. No caso da UnB, torna-se mais difícil apoiar diretamente todos os docentes, técnicos, e gestores, bem como construir intervenções com todos os estudantes. Diante disso, ressaltamos a importância de que seja considerado o quantitativo de psicólogos escolares nas políticas públicas educacionais de modo a promover uma atuação mais próxima aos membros da comunidade acadêmica.

Outro aspecto que merece ser evidenciado em termos de distinção nas atuações é a enquadramento institucional. A psicóloga escolar do Instituto Federal atua diretamente com profissionais da saúde, o que caracteriza algumas das ações construídas, a exemplo do “Projeto Cuidar: educação para a saúde”. Por outro lado, na UnB, a vinculação ao órgão da graduação e a composição de equipe multidisciplinar com pedagogas, dão forma a uma atuação mais vinculada às questões do processo ensino-aprendizagem.

As experiências relatadas nos mostram que as diferenças entre as proporções físicas da UnB e do IF Goiano – Campus Iporá exigem diferentes formas de atuação, o que não impossibilita um mesmo caminho teórico de compreensão de questões do processo educativo. É possível perceber algumas características importantes que nos aproximam. A principal delas é nossa concepção de escola e da atuação do Psicólogo Escolar. Encontramos, cotidianamente, a necessidade de combater a representação comum da psicologia como uma ciência que conserta e adapta pessoas para o mundo. Entendemos que os reflexos da historicidade do campo da Psicologia ainda interferem nas aspirações que os membros da comunidade acadêmica têm sobre a nossa atuação e por isso buscamos desconstruir as concepções sobre a psicologia que reduzem nossa área a uma atuação clínica individual, que enxerga o indivíduo como único responsável por seu fracasso escolar.

A visão ampliada do contexto de trabalho e a compreensão da função da instituição escolar nos leva a reconhecer os limites de nossa atuação e a necessidade de interagirmos com os diversos setores e atores da comunidade escolar. Nosso trabalho se torna, por isso, necessariamente multiprofissional e exige que sejamos plurais e abertas ao diálogo com os mais variados profissionais. Isso nos demanda conhecer recursos, saber sobre as diversas atribuições

profissionais, ser um ponto de intersecção e de comunicação dentro da escola. Exige, ainda, que deixemos o conforto de nossas salas e percorramos o espaço escolar, conheçamos seus atores, nos relacionemos com toda a escola/ a universidade e com a comunidade na qual se insere. Entendemos que o trabalho do psicólogo escolar se constitui na bricolagem de um encontro com cada instituição escolar em particular, demandando abertura para a transformação que esse encontro possibilita em termos da construção de novos fazeres e saberes.

Referências Bibliográficas

- ANGELUCCI, C. B.; KALUMUS, J.; PAPARELLI, R.; PATTO, M. H. S. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 51-72, 2004.
- BARBOSA, D. R. Contribuições para a construção da historiografia da psicologia educacional e escolar no Brasil. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 32, n. spe, p. 104-123, 2012.
- BISINOTO, C.; MARINHO-ARAÚJO, C. Psicologia Escolar na Educação Superior: panorama da atuação no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 67, v. 2, p. 33-46, 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente de Iporá - GO com data de referência de 1º de julho de 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/ipora/panorama>>. Acesso em 29 de outubro de 2017.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO (IF-GOIANO). Manual de Assistência Estudantil, 3ª ed, 2017.
- _____. Plano de Desenvolvimento Institucional 2009-2013. 2009.
- _____. Resolução nº 024/2013 de 01 de março de 2013. Aprova o Regulamento Institucional do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). 2013.
- LIBÂNEO, L. C. Aproximações entre psicologia escolar na universidade e psicologia comunitária. 2017. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO, Universidade Federal de Sergipe, 2017.
- LIBÂNEO, L. C.; PULINO, L. H. C. Z. A atuação do psicólogo escolar como atividade de criadora. 2017. No prelo.
- LIMA, E. C. A. S. O conhecimento psicológico e suas relações com a educação. Em aberto, Brasília, v. 9, n. 48, 1990.
- MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. Em Aberto, Brasília, p. 17-38, v. 23, n. 83, 2010.

MARTIN-BARÓ. O papel do psicólogo. Estudos de Psicologia, Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1996.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO (MPOG). Portaria normativa nº 3, de 7 de maio de 2010. Estabelece orientações básicas sobre a Norma Operacional de Saúde do Servidor - NOSS aos órgãos e entidades do Sistema de Pessoal Civil da Administração Pública Federal - SIPEC, com o objetivo de definir diretrizes gerais para implementação das ações de vigilância aos ambientes e processos de trabalho e promoção à saúde do servidor. 2010.

RIBEIRO, D. Universidade para quê?. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – SETEC. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: um novo modelo de educação profissional e tecnológica. p.6-15, 2010.

SOUZA, M. P. R. Psicologia escolar e educacional em busca de novas perspectivas. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 179-182, 2009.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). Darcy – Revista de Jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, Brasília, n. 16, ed. spe., abr. mai. e jun., 2017.

Luísa Cássia Paixão - Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília, Especializada em Psicodrama e Sociodrama pela Associação Brasiliense de Psicodrama e Sociodrama e em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura, Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica. Atualmente é Psicóloga do Instituto Federal Goiano (Campus Iporá - GO).

Lígia Carvalho Libâneo - Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília, Mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília, Doutoranda em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pela Universidade de Brasília. Atualmente é Psicóloga escolar do Serviço de Orientação ao Universitário da Fundação Universidade de Brasília.

Recebido para publicação em 13 de Setembro de 2017.

Aceito para publicação em 18 de Outubro de 2017.

Contribuição dos autores:

Os autores declaram participação conjunta na construção deste estudo, por meio da análise e interpretação dos dados, leitura e interpretação do referencial teórico e da redação do texto.